



EXPERIÊNCIA



Os autores são membros da CVX e acompanhantes de Exercícios Espirituais.

O contínuo discernimento comunitário na CVX

Krícia Fernandes
Rafael Finatti
Rafael Rosado

A vocação constitui uma dimensão especial na pedagogia inaciana. Santo Inácio de Loyola acreditava que cada criatura é uma obra original e única do Criador; e que cada pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus, é livre para responder ao Seu amor. A vocação é o apelo divino que se manifesta nas inclinações mais profundas e nos desejos mais autênticos de cada um. A livre resposta a esse apelo é o que dá sentido e dignidade à existência humana: vivendo segundo a própria vocação, a pessoa realiza progressivamente o seu destino de desenvolver uma plena comunhão com Deus e com os outros.

Na Comunidade de Vida Cristã (CVX), a opção de leigos e leigas inacianos pelo estilo de vida alicerçado no tripé espiritualidade, missão e vida comunitária segue permeando este olhar da vocação: a pedagogia de Santo Inácio dirige-se a todos, ajudando cada um a colocar tudo quanto é e tem ao serviço do Reino de Deus. Para isso, cada membro da CVX, no mundo todo, é convidado a viver em plenitude de disponibilidade, sempre pronto a questionar o modo de pensar e de agir, exercitando-se em integrar constantemente experiência, reflexão e ação.

A CVX, portanto, fiel ao espírito inaciano que a inspira, deseja que os seus membros sejam pessoas ágeis em espírito, que se exercitem constantemente para escutar sem demora os chamamentos de Deus e responder-lhes com todo o seu ser. Todavia, se na CVX a espiritualidade inaciana acontece em comunidade, a vocação pessoal será construída também pela ajuda de irmãos e irmãs que partilham dessa mesma vocação como um fator essencial para a crescente fidelidade de cada um à sua missão e identidade. Assim, a comunidade é, em si mesma, um elemento constitutivo do testemunho apostólico desse estilo de vida.

Nesse sentido, o Carisma CVX¹ se torna concreto na Igreja e na sociedade ao enviar em missão os seus membros, como fruto do discernimento apostólico comunitário. Nem sempre é fácil encontrar o modo mais adequado para isso, mas os que optaram em plenitude por esse estilo de vida são apóstolos em missão na Igreja e têm direito a serem enviados e apoiados pela comunidade em que compartilham a sua vocação específica. A comunidade discerne e envia explicitamente para, ao mesmo tempo, acompanhar e avaliar tanto o discernimento realizado, como o desenvolvimento e a continuidade da missão em si.

É sobre este processo, que na CVX se dá o nome de Polinômio Apostólico — Discernir, Enviar, Acompanhar (e/ou Apoiar) e Avaliar — que falaremos a seguir, trazendo o exemplo concreto do contínuo discernir pelo qual tem passado a CVX Regional Sul desde o início da década passada.

Contexto regional

De acordo com o Princípio Geral nº 7, do *Carisma CVX*,

O dom de nós mesmos encontra sua expressão em um compromisso pessoal com a Comunidade Mundial, através de uma comunidade local livremente escolhida. Esta comunidade local, centrada na Eucaristia, é uma experiência concreta de unidade no amor e na ação. De fato, cada uma de nossas comunidades é uma reunião de pessoas em Cristo, uma célula de seu Corpo Místico. Estamos vinculados por nosso compromisso comum, nosso estilo de vida comum e nosso reconhecimento e nosso amor por Maria como nossa Mãe (*Carisma CVX*, 2005, p. 14).

A missão comum na CVX, portanto, expressa-se mundialmente na medida em que cada pessoa vive a sua missão individual, junto à sua comunidade local. A comunidade mundial é constituída por comunidades nacionais que, por sua vez, podem ter instâncias regionais que congregam diversas comunidades locais. E é na comunidade local, um pequeno grupo de 5 a 12 pessoas que se reúnem com certa periodicidade (semanal ou quinzenalmente, na maioria dos casos), que se procura viver o processo do Polinômio Apostólico — afinal, quem melhor do que aqueles com quem já se estabeleceram laços mais profundos para ajudar no discernimento, enviar, acompanhar, dar suporte e avaliar a missão?

1. *Carisma CVX e outros documentos*. Edições Loyola, São Paulo, 2005.

Viver o polinômio apostólico em uma pequena comunidade, entretanto, é muito desafiador. Por melhores que sejam os vínculos, a vida de cada pessoa é muito dinâmica e por mais que o grupo tenha uma rotina bem estabelecida de oração e partilhas, é sempre delicado saber como, quando e quanto interferir na vida apostólica de cada um. Não obstante tais limitações, o *Magis inaciano* provoca o membro CVX a extrapolar os limites locais e a articular a missão comum nos diversos outros níveis da comunidade mundial. Foi o que aconteceu na CVX Sul, instância regional da CVX Brasil, que congrega as comunidades locais que se reúnem, atualmente, nos três estados da Região Sul do país.

Tal como em muitos outros lugares, e repercutindo um pouco da estrutura da CVX mundial e nacional, a CVX Regional Sul sempre foi liderada por uma equipe executiva, a CERS (Coordenação Executiva Regional Sul), responsável por realizar as atividades no âmbito regional e fazer a ponte com outras instâncias regionais em relação à Comunidade Nacional. Em geral, são quatro os membros eleitos para estas estruturas — coordenador(a), vice-coordenador(a), secretário(a) e tesoureiro(a) — que se juntam a um Assistente Eclesiástico jesuíta, designado pelo Provincial da Companhia de Jesus, e assumem a responsabilidade por grande parte do que precisa ser feito. Mas já não é assim que funciona hoje a CVX Regional Sul.

Como peregrinos

Pensar na história e nas motivações que levaram a CVX Sul a rever sua estrutura para viver melhor seu carisma inaciano e responder à sua vocação significa voltar ao ano de 2010 e olhá-la sob duas perspectivas distintas. A primeira, é a do sermos peregrinos, como Inácio.

Naquele ano, a CVX Regional Sul enfrentava dificuldades internas. Havia desentendimentos entre os membros, muitas divergências sobre a identidade CVX, cobranças de todas as partes. Muitos grupos já não se reuniam há vários meses. Com isso, a Coordenação Executiva precisou direcionar à Assembleia Nacional reunida em Belo Horizonte um longo processo de “desfiliações” de comunidades locais. De maneira extraordinária, não sobrara ninguém dos grupos para oficializar isso e não havia clima para solicitar aos “ex-membros” uma formalização da sua saída. Ficou apenas o

sentimento de que pessoas queridas deixavam a CVX “pela porta dos fundos”.

Embora árduo, este trabalho permitiu alguma tranquilidade para a CERS no ano seguinte: era olhar para a frente e motivar os grupos a viverem o Carisma. Todavia, a realidade é que a vida comunitária é um grande desafio. Em pouco tempo, aquela Coordenação percebeu que, da forma como a CVX estava estruturada, o governo regional ficava extremamente sobrecarregado (não por acaso, todos os coordenadores regionais anteriores já não mais participavam da CVX). Havia uma centralização grande na CERS para resolver desde as questões práticas mais simples, até aquelas situações que exigem um discernimento mais sério e rigoroso.

Essa situação ficou escancarada quando a Coordenação Nacional solicitou que todas as instâncias regionais realizassem um encontro de assessores, isto é, buscassem refletir sobre o papel do Assessor enquanto guia de cada comunidade local. Havia um tema específico: discutir o “tempo suficiente” dos assessores em uma comunidade. Já na preparação, porém, os membros da CERS sentiram-se sós para arranjar todas as questões práticas (hospedagem, almoço, transporte, convites, comunicação) e, também, o encontro em si: abertura, colocações, recolher os frutos etc. Ao final, o encontro aconteceu, mas pouco foi discutido sobre o tema central: ouviu-se bastante sobre a vida das comunidades, suas potencialidades, o muito que havia a ser feito. Eram grupos com histórias lindas, engajadas, alguns vivendo dificuldades, mas uma diversidade rica, de encher os olhos. Ainda assim, parecia que faltava um “algo mais” para que a vida de cada comunidade de fato fosse sentida pelas demais; ficou o sentimento de que a missão na CVX não estava devidamente articulada.

A partir dali, o então governo regional reconheceu, com humildade, que não teria a capacidade de responder a essa provocação se continuasse centralizando tudo. Foi assim que, no espírito de “compartilhar responsabilidades”, começou a ajudar a comunidade maior a perceber o que os membros da CERS estavam sentindo e, a partir daí, discernir para onde o Espírito poderia levar. O Ir. Sidney Meyer, Assistente Eclesiástico Regional, já tinha alguma clareza: fez o esboço de um “organograma”, tentando agrupar em “caixinhas de afinidade” toda a realidade com a qual a Regional já lidava. “Assim que vi aquele desenho, escrevi ao meu acompanhante espiritual: ‘Socorro! Não foi essa CVX que eu discerni coordenar!’. Em outras

palavras: estava assustado e com medo do caminho que se apresentava à minha frente”, lembra Rafael Rosado, coordenador regional entre 2011 e 2012.

Mas foi como fez Inácio, sem “adiantar-se ao espírito”, que aquela Coordenação se propôs a caminhar. Primeiro, ajudando a comunidade a internalizar as escolhas já feitas, ou seja, os compromissos já assumidos, ainda que de modo inconsciente. A estratégia foi fazer algo bastante objetivo e prático: um catálogo da Regional, um verdadeiro levantamento estatístico para se ter um olhar mais concreto sobre a realidade. Ali, descobriu-se quantos eram, onde já atuavam, as áreas apostólicas de interesse, entre muitos outros dados. De fato, constataram-se inúmeros serviços prestados pelos membros, porém ficou clara também a intuição inicial, de que havia uma falta de sinergia em ações isoladas e desarticuladas. Não se agia como o Corpo que a Assembleia Mundial da CVX em Nairobi (2003) convocou-nos a ser, isto é, “[...] confirmados a nos tornarmos um corpo apostólico de leigos que compartilham a responsabilidade na missão da Igreja”, conforme expressava seu Documento Final.

O próximo passo foi investir em formação. Para o encontro regional de 2012, a CERS chamou o responsável pela nascente Província BRA, o padre Carlos Palácio, SJ, que inspirou todos a pensar para além de “agir como corpo”, mas de fato “SER corpo”, isto é, reconhecer que a missão é o próprio estilo de vida. Tão natural quanto respirar, assim deveria atuar o discernimento comunitário na CVX, com o corpo nada mais sendo que a expressão visível daquilo que cada um é. A partir daí, veio a necessidade de dar visibilidade às escolhas que já haviam sido feitas pelos membros e isso se deu conforme aquele organograma inicial do Ir. Sidney: reunindo em “grupos de interesse” as áreas apostólicas nas quais já havia algum trabalho — grupos esses que foram denominados Secretariados.

A ideia inicial era que cada um dos Secretariados fosse formado por membros da própria comunidade, que se dispusessem a articular a missão a partir de sua área, acompanhando os trabalhos já existentes e partilhando iniciativas, apelos, dúvidas e necessidades. Ou seja, que nenhum membro CVX se sentisse só naquilo que fizesse. Tais Secretariados estabeleceriam um canal de comunicação direta com a CERS, apresentando as propostas e dificuldades debatidas internamente e partilhando os êxitos alcançados. Assim, nos primeiros anos, foram instituídos o Secretariado da Formação, o da Justiça Social e o de Liturgia e Espiritualidade.

A nova estrutura não parou por aí. De modo semelhante, percebeu-se que algumas pessoas se dedicavam a uma espécie de serviço de apoio — iniciativas de comunicação, alguns cuidados com a sala de arquivos e contato com “amigos simpatizantes” que costumam ajudar a CVX local. Viu-se que tais serviços também eram necessários para que os Secretariados pudessem funcionar, servindo como equipes de apoio. Tais equipes foram chamadas de Setores e assim surgiram a equipe do Arquivo e Biblioteca, da Comunicação e dos Colaboradores Externos.

Por fim, algumas estruturas que já existiam estavam obsoletas. Havia, por exemplo, uma espécie de “coordenação paralela” em Curitiba, chamada de Comissão de Serviços, que realizava assembleias anuais, recebia contribuições de grupos, tinha um caixa próprio, entre outros. Essa estrutura foi extinta.

Enquanto isso tudo acontecia, o sentimento era de que os membros estavam assumindo as rédeas do futuro de sua missão comum. Era como se antes tivessem vivido como fez Inácio, deixando que a “mula” decidisse os caminhos a tomar.

Como historiadores

A segunda forma de olhar para esses eventos, não como alguém que está caminhando, é a do historiador, alguém que se volta para trás e interpreta o caminho percorrido a partir do que já passou. Tal análise leva a crer que a experiência vivida pela CVX Regional Sul foi uma verdadeira vivência eclesial, um “ser Igreja” cheio de protagonismo e que impactou decididamente no modo como a CVX Sul segue vivendo o “SER CVX” atualmente.

Muito do que foi construído entre 2010 e 2013, nos primeiros anos das novas estruturas, ainda está lá, mas muito também foi sendo refinado e melhor ajustado. Ao invés de “meros agrupamentos” de pessoas com missões e interesses individuais parecidos, os Secretariados e demais “Órgãos Auxiliares” (nomenclatura que consta no Regimento Interno da CVX Sul) foram seguidamente avaliados e referendados pela Comunidade Regional nas Assembleias bianuais realizadas entre 2015 e 2021 e, com isso, tornaram a experiência de estar na CERS e no governo regional muito mais leve e rica do que pesada e onerosa.

Aquelas equipes que se mostraram necessárias, foram mantidas; as que não eram profícuas para a missão, foram descontinuadas; e

novas estruturas e funções também surgiram com o tempo, como a representação eclesial e o Espaço Magis, obra em parceria com o Programa Magis, da Companhia de Jesus. Os Secretariados se transformaram, assumindo de vez o papel de guardiões do Polinômio Apostólico quanto à ação externa dos membros da regional: através deles a CVX Sul — e não a CERS — discerne, envia, acompanha e avalia aquilo que é feito “das portas para fora”, enquanto prioridades apostólicas (quatro no total, a saber: Justiça Socioambiental, Espiritualidade, Famílias e Juventudes) a serviço da Igreja e do Reino de Deus². E a missão comum da Regional passou a ser articulada pela CERS junto aos Secretariados, nas reuniões da Equipe de Articulação da Missão.

Para além da estrutura que facilitou o discernimento comunitário e o polinômio apostólico, a CVX Regional Sul também evoluiu em outro aspecto: a maneira como passou a tomar decisões em Assembleia. A partir de 2017, também por uma feliz interferência do Ir. Sidney Meyer, a CERS adotou o modelo dos postulados como forma de incentivar a maior participação de todos na proposição, debate e definição do que seria preciso fazer para tornar a CVX Regional ainda mais efetiva no cumprimento de sua missão comum. A metodologia, utilizada pelos jesuítas desde as primeiras Congregações Gerais no século XVI, nada mais é do que a possibilidade de qualquer membro, equipe ou comunidade local fazer sugestões, levantar pontos de reflexão para serem apreciados pelos demais. Tais temas postulados devem referir-se à missão ou a estrutura para a missão da CVX Sul: a partir deles, com a antecedência necessária, todos os outros membros se põem a rezar e a discernir a proposta, até que, durante a Assembleia Regional, decide-se por votação se serão incorporados, descartados ou levados para estudo (para melhor aprofundamento da temática).

Diversas questões bastante complexas já foram postuladas nas três Assembleias entre 2015 e 2021, como, por exemplo, o apetite dos membros para organizar um retiro de 30 dias, a possibilidade de separar a instância regional em duas, a validação das prioridades apostólicas e do Fundo Social, e a incorporação da Secretaria de Formação à CERS. Independentemente das votações finais, este modelo de discernimento comunitário — para não dizer também de democracia direta — gerou uma maior corresponsabilização dos membros para com a vida e a missão comum da Regional, contribuindo para a formação identitária de cada um e, mais ainda, para

2. Com isso, o Secretariado de Formação passou à condição de Secretaria — uma vez que olha apenas para as demandas do âmbito interno da CVX, como o estímulo aos compromissos temporário e permanente e a formação e acompanhamento de assessores.

descentralizar da CERS a responsabilidade por todas as decisões. Tal processo também qualificou o discernimento pessoal e comunitário, uma vez que o membro coloca em oração a sua proposta e a fundamenta na reunião da sua comunidade local, que também reza sobre o envio do postulado para, só então, decidir se toda a comunidade regional será ou não convidada a discernir a respeito, *para a maior glória de Deus*.

A perspectiva do historiador dá conta também de perceber que, ao longo dos anos, a CVX Regional Sul foi se fazendo CORPO. A cada passo, aprofunda-se a identidade e o Carisma, o conhecimento de si, o olhar para tornar-se mais uma única Comunidade Apostólica — e menos uma comunidade de apóstolos. A cada Assembleia, os membros internalizam melhor que cada um, em seu papel, contribui para a missão do todo. Dessa forma, valorizam-se desde os gestos mais humildes e pontuais até aqueles que exigem grande esforço e compromisso. A tarefa que cada um realiza, na prática, pouco importa individualmente: aquele ou aquela que recebe as pessoas na missa, que cataloga os livros no arquivo, que representa a CVX no Conselho de Leigos, que coordena um retiro, que dá orientação espiritual, que dirige uma ONG ou que coordena a CERS tem a mesma importância que qualquer outro membro, desde que o seu fazer seja consciente de estar a serviço da missão do Corpo, que é único e que discerne, envia, acompanha e avalia, constantemente.

Por outro lado, como bons e críticos historiadores, enquanto Corpo é preciso se questionar sempre sobre a efetividade da estrutura. Não deve haver, por exemplo, um grande esforço para carregar uma organização incapaz de fazer com que novas pessoas se comprometam com o seguimento de Cristo, que não promova libertação e que não atinja as classes mais pobres e marginalizadas da sociedade. A verdadeira experiência eclesial se dá aqui, porque Jesus não previa uma Igreja hierárquica, com um formato exato e imutável. “Jesus pregou o Reino, e veio a Igreja”: a Igreja, tal como a conhecemos hoje, foi fruto de um longo discernimento, de uma bonita liberdade criativa, na qual, desde os primeiros apóstolos, fomos sendo chamados a perceber qual seria a melhor maneira de fazer acontecer o REINO.

A Igreja, assim como a Companhia de Jesus e a CVX, não tem fim em si mesma. O chamado é para responder com criatividade e desapego aos problemas dos dias de hoje. E isso só faz sentido se os cristãos seguirem renovando essa decisão, discernindo a forma

com que a Igreja deve encarnar-se na realidade concreta na qual está inserida. A Igreja é inacabada por definição. Por isso, o caminho é pensar que Cristo certamente aprovaria a estrutura que a própria comunidade apostólica, iluminada pelo Espírito Santo, decidisse assumir. Para Ele, pouco importariam as estruturas, desde que elas tornassem presentes o Reino de Deus.

Com a alegria de quem já passou pelas Coordenações Regionais da CVX Sul nestes últimos anos, nós, que escrevemos este artigo, vemos que os leigos da CVX encontram na Regional Sul um espaço para viver a liberdade criativa pelo Reino.

Para onde tudo isso vai? Dará certo? Não estamos gastando energias além da conta com um sonho que é grande demais para nós? Não sabemos! Mas também não devemos desanimar diante das prováveis dificuldades que virão e das que já estão aí. É preciso, em primeiro lugar, valorizar a experiência de autonomia no Espírito que está sendo feita — e, quem sabe, extrapolar tais aprendizados para outras instâncias regionais e, talvez, até para a Comunidade Nacional.

Nosso caminho, como peregrinos ou sujeitos históricos, deve ser o de continuar criando o que precisa ser criado, reformando o que precisa ser reformado, abolindo o que precisa ser abolido e conservando o que precisa ser conservado. Que Santo Inácio de Loyola e Maria, nossa Mãe e referência de sabedoria, nos iluminem e nos deem discernimento para essa bonita missão em comunidade.